

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JÚLIA QUEIROZ GENTIL**

**MEMORIAL ACADÊMICO: CAPOEIRA, EDUCAÇÃO E REFLEXÕES**  
**SOBRE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**SÃO CARLOS-SP**

**2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JÚLIA QUEIROZ GENTIL

**MEMORIAL ACADÊMICO: CAPOEIRA, EDUCAÇÃO E REFLEXÕES**  
**SOBRE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Memorial Acadêmico apresentado para Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar  
Orientador: Prof<sup>º</sup> Dre. Mariana do Berimbau (DEd - UFSCar).  
Coorientador Me. Ettore Schimid Batalha (PPGS - UFSCar).

**SÃO CARLOS - SP**

**2025**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho à Capoeira, essa entidade que desde seu princípio salva existências.

E segue salvando a minha.

Dedico a toda ancestralidade da Capoeira que através desses conjunto de conhecimentos sobreviveu, sobrevive e continua a ensinar que precisamos saber nossas raízes, que a partir do seu conjunto de rituais e códigos preserva histórias, rotas diaspóricas, subjetividades e denuncia a crueldade colonial que aprisiona os corpos e os educa com violência.

Dedico esse trabalho aos futuros capoeiristas e pedagogos, que esse memorial seja considerado um Trabalho Esperança.

Axé.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a espiritualidade que me guia e me protege, me ensina e me encaminha desde sempre.

Agradeço a minha mãe Maria Cecília e ao meu pai Luiz Fernando por serem minha base, pelo amor, cuidado, educação e por sempre me priorizarem.

Agradeço ao meu irmão Luiz Fernando por ser meu amigo, companheiro e parceiro nesta existência.

Agradeço aos meus avós pela sua presença na minha vida, por todo amor e suporte.

Agradeço minhas amigas por nos escolhermos, agradeço a minha amiga e companheira Lia, que cresceu junto comigo e é mais que um amor, é uma amora.

Agradeço a Capoeira por me escolher, acolher e me presentear com as tantas pessoas incríveis citadas neste memorial.

Agradeço a meu professor de capoeira Ettore Batalha e a sua capoeira que me encantaram, e ao coletivo de capoeira Areias, que foi um espaço seguro, de acolhimento e amizade, solo fértil para brotar na capoeira. Agradeço às crianças do Coletivo Areias, que iluminam os ambientes e me fazem sentir segura e acolhida.

Agradeço à minha professora de capoeira Maíra Ferrari e a sua capoeira por me acolher, me ensinar e ser uma referência em tantas esferas.

Agradeço ao meu Mestre Izael e a Associação de capoeira Pena de Ouro, pelos ensinamentos, pela amizade, pela paciência, existência e pela possibilidade de aprender essa capoeira ancestral.

Agradeço às minhas professoras do curso de pedagogia, em especial a professora Tatiane Constantino, a professora Ana Cristina Juvenal, professora Ayodele Floreano, professora Mariana do Berimbau e a todas as Mulheres Negras que vieram antes e abrem caminhos para que minha existência seja menos dolorosa.

Agradeço a todas as crianças e alunos que encontrei nesse caminho, gratidão por me ensinarem e por brincarem comigo, meus dias foram mais felizes depois de conhecê-los.

Agradeço aos amigos que fiz nessa trajetória, meus amigos da universidade, intelectuais que admiro e aprendo junto, gratidão pelas risadas e o companheirismo.

Agradeço ao Gilmar Araújo de Oliveira referencial de pesquisa que guiou meu trabalho do começo ao fim da graduação, referencial como pessoa, professor e amigo amado, agradeço por me fortalecer, me ajudar com os desafios acadêmicos, pedagógicos e cotidianos, agradeço

toda diversão, amor e paciência, gostaria imensamente que você estivesse lendo esse trabalho de conclusão de curso, de toda forma, agradeço pela dádiva que foi nosso encontro.

Agradeço à minha orientadora Mariana do Berimbau, por sua existência, por nosso encontro, por crer em mim e na minha escrita, por trazer o Berimbau para dentro do curso de pedagogia, por me inspirar nessa reta final.

Agradeço a todos a leitura até aqui. Agradeço a oportunidade de refletir e escrever sobre minha trajetória, prática pedagógica e as contribuições da Capoeira para o ensino e Educação das Relações Étnico-Raciais.

Por fim, agradeço a minha rede de apoio que amortece minhas quedas. Ubuntu, eu sou porque nós somos.

Sentimentalmente, Julia Queiroz Gentil.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>06</b>
<b>Autora, infância e lembranças .....</b>	<b>06</b>
<b>O contato com a universidade e a Lei 10.639/03 .....</b>	<b>09</b>
<b>PIBID e Educação das Relações-Étnico Raciais .....</b>	<b>15</b>
<b>Ciclo de atividades desenvolvidas .....</b>	<b>18</b>
<b>Capoeira, educação e Educação das Relações-Étnico Raciais ..</b>	<b>22</b>
<b>Capoeira e literatura na Educação de Jovens e Adultos .....</b>	<b>29</b>
<b>Educação das Relações Étnico-Raciais e a representação discente ...</b>	<b>35</b>
<b>Considerações pessoais .....</b>	<b>36</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>37</b>
<b>Referências .....</b>	<b>38</b>



*Performar neutralidade diante do próprio texto é  
privilégio daqueles cuja existência não foi apagada.*

*(Mariana do Berimbau, 2023)*

## **INTRODUÇÃO**

Este memorial acadêmico de conclusão do curso de Pedagogia, tem por objetivo relatar as minhas experiências e reflexões, relacionando teoria e prática pedagógica a partir do cenário da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e da cidade de São Carlos, onde ocorreram os estágios obrigatórios do curso, nas escolas e Secretaria Municipal de Educação e as vivências com a Capoeira. A temática escolhida para refletir sobre meu processo formativo foi da Educação das Relações Étnico-Raciais, relacionada ao estudo e cumprimento da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação básica.

Dessa forma, quero contar sobre minha trajetória e como as temáticas escolhidas para esse memorial me atravessam profundamente. Esse percurso é marcado por uma busca: a busca sobre Identidade, sobre Humanidade, sobre Educação. Assim, o relato será acadêmico e pessoal, pois, para explicar a grandeza e importância do que irei relatar aqui, preciso contar com detalhes essa trajetória, que é permeada de descobertas e dores, de aprendizado, parcerias e reviravoltas.

## **AUTORA, INFÂNCIA E LEMBRANÇAS**

Entendo esse texto como uma oportunidade de lembrar e discorrer sobre tudo isso que é história, tudo isso que é educação e tudo isso que me constitui como ser humano, um ser educado, em uma sociedade autoritária, violenta, hierarquizada pela força, guerra, dominação, e cá estamos, sou brasileira. E sou também taurina com ascendente em virgem e lua em capricórnio, mesmo sabendo que signos não estão nos domínios dos conhecimentos eleitos como legítimos no âmbito acadêmico, assim como ser capoeirista, essa construção influencia a maneira como me entendo no mundo e diante de todas as questões apresentadas neste texto.

Me chamo Júlia Queiroz Gentil. Nasci no interior de São Paulo, no ano de 2001. Desde que cheguei nesse mundo estou aprendendo, quando bem pequena, antes de começar a frequentar a escola eu vivia em um sítio, com mato e animais, meus pais, veterinários, cuidavam do lugar e dos animais. Demorou bastante para eu aprender com a pimenteira, eu teimava de colocar a mão nas pimentas e depois acabava colocando a mãozinha nos olhos ou na boca e corria chorando para meus pais, que por fim escolheram tirar o pé de pimenta do meu alcance.

Depois desses primeiros 3 anos de vida, fui morar com meus pais em uma cidade chamada Formosa, em Goiás, nesta cidade tenho algumas lembranças da escolinha, principalmente de amigos ou eventos marcantes.

A foto a seguir foi tirada nessa época, em uma escola chamada Colégio Maria Montessori, a foto foi utilizada por mim no quinto ano para um trabalho da escola com um poema visual. Podemos observar na imagem uma prática bem comum, porém errônea, de tentativa de celebração dos povos originários. Essa prática presente na educação infantil consiste em fantasiar as crianças no “dia do índio”, como era chamado antigamente, como uma folclorização dos povos indígenas e não uma real educação sobre essas pessoas, seus inúmeros grupos étnicos, língua, crenças, cultura e saberes. Por tanto, vemos um registro histórico de uma prática errônea sobre a educação das relações étnico-raciais.

**(Figura 1)**



A figura 1 é uma foto tirada em uma atividade na educação infantil e utilizada em uma atividade de poema visual no 5º ano do ensino fundamental I.

O tempo passou e o destino me trouxe a São Carlos. Com 5 anos, estudei em uma escola pública de educação infantil na cidade, lembro poucas coisas, mas lembro nitidamente como eu odiava acordar cedo e sair no frio que era essa cidade.

Nos mudamos novamente, para Descalvado, a cidade da família do meu pai. Lá, entrei na escola SESI- 205, onde estudei do primeiro ano do ensino fundamental I até o primeiro ano do ensino médio, com certeza 10 anos de SESI me moldaram e depois que entrei no curso de pedagogia consegui voltar e pensar sobre como foram esses 10 anos nessa instituição.

Para uma instituição de ensino básico funcionar com qualidade é preciso um conjunto de coisas, como por exemplo, investimento, gestão, um currículo, profissionais de diversas áreas como docência, limpeza, alimentação, entre outros e vários outros aspectos também, de maneira geral, vivi como aluna a mudança no sistema SESI, esse que construiu unidades escolares planejadas estruturalmente e tornou-se período integral.

Apesar de críticas que tenho hoje, durante minha experiência como aluna eu achava a escola incrível, era grande, tinha espaço, grama, árvores, uma biblioteca confortável, laboratório de informática, robótica, quadra e educação física, o refeitório era grande e serviam lanche da manhã, almoço e lanche da tarde. Entretanto, lembro nitidamente das coisas que me incomodavam, quanto mais velho você fica, menos mágico o mundo é.

Em relação a educação do Sesi e minha experiência como aluna, acredito que tive uma boa educação em alguns aspectos, como acesso a ferramentas e direcionamento por parte dos docentes da escola. Havia também um senso de pertencimento, ficamos muitas horas e dias juntos e por parte da direção, corpo docente e funcionários gerais da escola havia um conceito de “família Sesi-205”. No Sesi participei de dois campeonatos de robótica na equipe da minha escola, porém eu fiquei mais na parte da pesquisa, foi ótimo, em um ano ganhamos o prêmio Regional de Projeto de Pesquisa.

Para encerrar a etapa educação na adolescência, fui transferida para o Colégio Objetivo em Descalvado, sobre o qual tenho várias queixas, várias críticas, como o fato de que não havia biblioteca, nem quadra, havia um sistema apostilado e provas constantes duas vezes por semana.

Notem que eu não comentei sobre o tema ERER<sup>1</sup> durante minha educação básica, pois não houve nenhum ensinamento sobre a temática, evidenciando lacunas na aplicação da lei 10.639/03 que já estava em vigor durante o período que estive na educação básica.

## **O CONTATO COM A UNIVERSIDADE E A LEI 10.639/03**

A lei 10.639, sancionada em 2003, é um marco legal, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) e estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação pública e privada brasileira.

Trata-se de uma política educacional que orienta o currículo nacional e que, portanto, deve ser seguida pela União, estados e municípios, fazendo com que as escolas reconheçam, valorizem e promovam – não apenas em seus materiais, mas também em suas ações, discursos e atitudes – as contribuições de povos e nações africanas e afro-brasileiras na formação do Brasil (Geledés, 2023. p. 15).

Dois grandes debates da educação no fim da década de 1990 eram justamente a omissão da luta e das contribuições dos povos africanos e seus descendentes na construção nacional, além disso, os negros eram apresentados como subservientes, racialmente inferiores e com suas imagens estereotipadas, entre outras características negativas (Santos, 2005. p. 25) A partir das pressões anti-racistas dos movimentos sociais negros, diversos estados e municípios reconheceram a necessidade de reformular parte das normas que regulam o sistema de ensino. Uma das ações, por exemplo, foi a proibição de adoção dos livros didáticos que disseminavam preconceitos e discriminação racial (Santos, 2005).

Ao compreender a dimensão estrutural da relação do sistema educacional com a propagação da discriminação racial, é possível observar que a Lei 10.639/03 é uma conquista de constante luta e organização social, para reverter o cenário de propagação do racismo e garantir nas diretrizes educacionais uma educação de combate ao racismo, esse que é propagado desde a invasão das terras afro-pindorâmicas<sup>2</sup> com a colonização portuguesa.

Em 2019, me matriculei no Cursinho pré-vestibular da UFSCar - São Carlos, neste tive a oportunidade de cursar a disciplina de Africanidades e esse foi meu primeiro contato com o cumprimento da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório desde 2003, o ensino de história e cultura africana e afrobrasileira. Eu simplesmente amava as aulas de africanidades, sempre gostei da matéria de História e a matérias de Africanidades contava a história não

---

<sup>1</sup> Abreviação de Ensino das Relações Étnico-Raciais.

<sup>2</sup> Denominação dada ao país por Bispo (2015), com o objetivo de enfatizar a precedência indígena e a importância da presença negra neste território que foi denominado como Brasil pelos colonizadores portugueses.

contada. Dentro de uma visão não eurocentrada, por exemplo, aquelas associadas à perspectiva dos povos originários como as propostas de Ailton Krenak (Guerras do Brasil. doc), podemos entender que o Brasil não foi descoberto, mas sim invadido, visto os objetivos coloniais e a imposição de uma lógica europeia, apagamento e desvalorização de todos os sujeitos e conhecimentos que não fossem colocados pelo homem eurocristão (Bispo, 2015).

No ano seguinte, fui aprovada, na segunda chamada do curso de Pedagogia na UFSCar. Só deu tempo de me inscrever, pois no início da semana seguinte foi declarado o alerta mundial sobre estarmos vivendo uma Pandemia causada pelo vírus Covid- 19. O mundo todo foi afetado por incertezas, pessoas morrendo, o governo brasileiro marcado por negacionistas, a corrida contra o tempo para desenvolver uma vacina ou achar a cura para tal doença e a população a mercê das decisões e não decisões dos governos.

Ao refletir sobre as consequências da pandemia no contexto educacional de estudantes negros, a autora Fabiana Oliveira<sup>3</sup>, no artigo Crianças Negras, Pandemia e Desigualdades, aponta através dos dados indicadores, o agravamento da problemática das desigualdades já existentes, gerando entre as crianças negras um aumento da exclusão escolar, do trabalho infantil e dos riscos à sua saúde (Oliveira, 2023).

Os dados apresentados no artigo contam com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD COVID-19), realizada no ano de 2020 mostrou que estudantes negros e indígenas sem atividade escolar foram o triplo dos estudantes brancos (Oliveira, 2023). Além de que, Considerando os dados da Pnad Contínua Educação divulgados em 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 20,2% (ou 10,1 milhões) de pessoas de 14 a 29 anos não completaram alguma etapa da educação básica por razões que podem ser explicadas pelo abandono à escola ou por nunca terem frequentado. Desse total de 10,1 milhões de brasileiros, 71,7% são pretos ou pardos. No ano de 2021 a partir do relatório denominado “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar” de 2020, nos mostrou que mais de 5 milhões de brasileiros entre 6 e 17 anos não tiveram acesso à educação no Brasil. Sendo que deste total, 1,38 milhão de crianças não frequentaram mais a escola em outubro de 2021 seja de forma remota ou presencial. Esse dado se relaciona ao anterior afirmando a vulnerabilidade da população preta e parda neste cenário de exclusão escolar. Os motivos principais apontados na pesquisa divulgada pelo IBGE sobre a saída das crianças e adolescentes da escola referem-se à necessidade de trabalhar (39%), falta de interesse (29,2%) e afazeres domésticos (11,15%). Na cidade de São Paulo, essa situação gerou um aumento do trabalho infantil em 26% nos meses de maio e julho de 2020.(Oliveira, 2023)

O referido contexto evidencia como a problemática educacional está diretamente atravessada pelas desigualdades sociais e raciais presentes na sociedade brasileira.

---

<sup>3</sup> Fabiana de Oliveira, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). É formada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestrado e Doutorado em Educação pela mesma instituição. Coursou estágio de doutoramento na área de Sociologia da Infância pela Universidade do Minho (UM/Portugal) e Pós-Doutorado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP/Ribeirão Preto.

No final do ano de 2020, começou meu primeiro semestre, de maneira remota, com aulas online que se seguiram por dois anos. No ano de 2021, quando as medidas de isolamento foram flexibilizadas possibilitando a circulação desde que feita com o uso de máscara nos espaços públicos, iniciei um estágio não obrigatório no Kumon em Descalvado. Dentre tantos detalhes que poderia descrever, focarei na educação infantil. A demanda de crianças pequenas aumentou drasticamente e como essas estavam sem frequentar a escola, foi notório que tiveram seu desenvolvimento motor, letramento e alfabetização limitados. Esses aspectos foram trabalhados a partir do método do Kumon<sup>4</sup>, com seu material próprio focando inicialmente a coordenação motora, a leitura e por fim a escrita com exercícios que trabalhavam as sílabas e as “famílias” do alfabeto a partir de figuras, repetição e historinhas. A leitura de livros ou brincadeira com jogos era presente na rotina do Kumon, cada aluno ficava 60 minutos e era acompanhado individualmente. Essa foi minha primeira experiência com a educação infantil, eu tive a oportunidade de trabalhar com crianças de 3 a 9 anos de idade, cada uma no seu atendimento individual. Foi muito enriquecedor e enquanto vivenciava esse espaço tentava articular os aprendizados que via nas disciplinas feitas remotamente, entretanto, nos materiais desse método não havia o trabalho de educação das relações étnico- raciais ou ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.

Em 2022, depois da vacinação em massa, pudemos voltar para as salas de aula, no meu caso, pela primeira vez na sala de aula da faculdade. Após a volta ao modo presencial, inicialmente e até mesmo durante o isolamento realizado na pandemia, os professores do curso de Pedagogia nos estimularam a pensar sobre a educação nesse contexto de mudanças: “a educação voltaria a ser a mesma? Quais consequências estavam nos aguardando?”

Nesse contexto cursei a disciplina de Ensino das Relações Etnico-Raciais, ministrada pela Prof. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues<sup>5</sup>. A disciplina se aprofunda no recorte de *raça*, evidenciando como a educação e experiência em espaços educacionais são diferentes, marcadas por mais violências e restrições de direitos dependendo do recorte racial do aluno/criança/pessoa.

---

<sup>4</sup> O método Kumon foi criado em 1954 pelo professor Toru Kumon com o intuito de desenvolver ainda mais seu filho Takeshi. Assim, o professor elaborou uma série de exercícios de cálculo, incentivando seu primogênito a estudar de maneira autodidata, todos os dias. Percebendo os avanços do garoto na escola, os pais dos outros alunos passaram a se interessar pela ideia do docente, que disponibilizou seu método inovador, fundando a empresa Kumon em 1958.

<sup>5</sup> Doutora em educação (2011) pela Universidade Federal de São Carlos, com estágio de pesquisa no Departamento de Políticas Educacionais da Georgia State University. Possui graduação (2003) em Pedagogia e Mestrado em Ciências Sociais (2005) pela mesma instituição. É professora do Departamento de Teorias e Prática Pedagógicas e do Programa de Pós Graduação em Educação da UFSCar.

Para situar o termo *raça*, trago uma citação da pesquisadora e doutora Nilma Lino Gomes, em seu capítulo *Alguns Termos e Conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*, publicado no livro *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*, da Secad/ MEC, 2005.

O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo *raça*, não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores, como originalmente era usada no século XIX. Pelo contrário, usam-no como uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas. (Gomes, 2005, pág 45).

O Movimento Negro surge para resistir às opressões políticas da sociedade brasileira e se proõe a lutar por justiça e igualdade, desde seu princípio, lutando por espaço de pertencimento, qualidade no ensino e democratização da Educação. Em 1978, o intelectual negro Abdias Nascimento denunciava a produção e reprodução da discriminação racial contra os negros a partir do sistema educacional, o qual é usado como um sistema de controle dentro dessa estrutura de discriminação cultural, que inferioriza o negro, desqualifica o continente africano, propaga o embranquecimento cultural e perpetua desigualdades raciais.

Além da disciplina Ensino das Relações Étnico-Raciais, outro fator que contribuiu para minha formação nessa perspectiva foi ter conhecido e me aproximado do NEAB-UFSCar, esse Núcleo de Estudos Afro-brasileiro formado por professoras e pesquisadoras da universidade, com uma biblioteca com material de estudo disponível e reuniões para estudos, direcionou também minhas reflexões sobre importância e aplicação da temática do EREER nas minhas futuras atividades em sala de aula.

Por exemplo, o livro metodologias de trabalho em educação das relações étnico-raciais, que conheci por meio do Neab, foi uma das referências que guiaram minha atuação na sala de aula quando fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>6</sup>. Merecem destaque o capítulo I chamado “Capoeira”, escrito por Gilmar Araújo de Oliveira<sup>7</sup> e a Iraí Maria de Campos Teixeira<sup>8</sup>, a partir do qual pude compreender

---

<sup>6</sup> PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

<sup>7</sup> Gilmar Araújo de Oliveira (06/ 05/ 1980 - 28/07/2024), Doutor em Educação pela UFSCar. Capoeirista, professor, amigo amado que tive o privilégio de conhecer e aprender em conjunto.

<sup>8</sup> Enfermeira, com Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (2008). Mestre (2012) e Doutora (2016) em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. Atualmente, é Professora Adjunta do Departamento de Metodologia de Ensino - DME da UFSCar. Atua nas

mais sobre essa Arte e Luta histórica Negra, que foi marginalizada, proibida e hoje é Patrimônio Imaterial da Humanidade, e o capítulo II, chamado “O ensino da arte na perspectiva das relações étnico-raciais raciais”, escrito por Monique Priscila de Abreu Reis<sup>9</sup>. Além disso, nos demais capítulos do livro, refleti sobre a importância do ensino a partir de perspectivas africanas e afro-brasileiras, reverenciando o movimento como educador, a corporeidade, a identidade, a oralidade e a cooperação.

Com a proposta do livro, busquei aplicar atividades envolvendo corporeidade, oralidade, interação, jogos e brincadeira, musicalidade e capoeira para trabalhar a alfabetização, letramento e educação das relações étnico-raciais. Além desse material, para compreender EREER e Capoeira utilizei o livro Educação anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.369/03 e artigos de pesquisadores da Capoeira.

A partir do meu encontro com esse núcleo de estudos e as leituras, comecei a conhecer pessoas e autores que contribuíram para minhas reflexões e prática pedagógica. Outro elemento que contribuiu para o meu interesse na temática da Educação das Relações Étnico-Raciais foram situações ocorridas durante a própria atuação no PIBID. Quando iniciei o estágio na EMEB Prof<sup>a</sup> Dalila Galli logo no primeiro dia, ao nos apresentar para as crianças e pedir para elas se apresentarem com falas e depois desenho, notamos que os auto retratos das crianças eram discrepantes da realidade, no sentido de que não retratam seus tons de pele ou cabelos crespos e cacheados. Em uma sala com mais de 15 crianças negras, apenas duas ou três retrataram minimamente seus traços negros.

A partir dessa questão gritante busquei novos conhecimentos, que a capoeira e os capoeiristas foram essenciais para encontrar. Nesse contexto comecei a encontrar novas pessoas, capoeiras, professores/as, pesquisadores/as, mulheres, mães e crianças, e assim entrar em contato com outros conhecimentos, outras cosmovisões.

Como pensar, dentro do universo da educação formal, a diferença como um valor e não como um problema? Como educar com o corpo inteiro? Como trabalhar identidade, cultura e alfabetização para as crianças do Pibid?

Foi através da literatura infantil, jogos e brincadeiras que encontrei uma estrada menos árida, pelo contrário, fértil, pouco explorada. Minhas atividades somadas às leituras de intelectuais negros e negras me modificaram. E nesse processo também me descobri como

---

áreas de Educação Popular e Saúde; Práticas Sociais e Processos Educativos e Educação das Relações étnico raciais; em especial junto aos povos do campo, das águas e da floresta. É diretora o Colégio de Aplicação da UFSCar. É coordenadora do Eixo Mulheres Indígenas do Observatório Mulheres da UFSCar.

<sup>9</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília (2010).

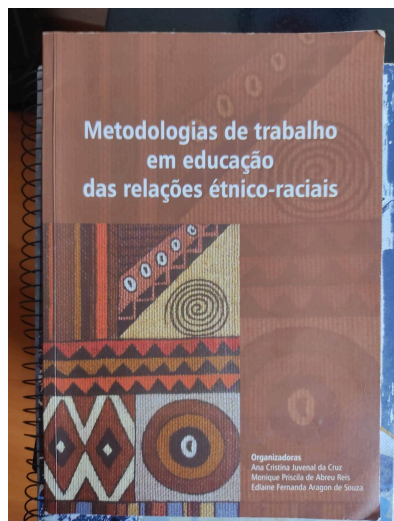
uma mulher negra. Parece uma afirmação chocante, né? Como assim se descobrir como negra? não deveria ser algo óbvio?

A questão é que eu não tive educação étnico-racial, cresci em espaços embranquecidos, com uma família branca e o ensinamento é que eu sou morena. Crescer ouvindo que sou morena cor de jambo, morena de sol ou morena da cor do pecado me confundiu. Mas hoje entendo que sou uma mulher parda, que existe uma questão complexa sobre a miscigenação do país e que em certas circunstâncias o pardo carrega consigo o lugar de despertencimento racial, variando inclusive nas diferentes regiões do país, a maneira como se é lido racialmente.

Há tanto para ler e aprender, quero entender e ser capaz de explicar para os outros o quão importante é a identidade e o pertencimento, dar acesso a compreensão do que são nossas raízes, para juntos e democraticamente re-avaliarmos o caminho que a sociedade traça para nós. Hoje me nutro de capoeira, literaturas, mestres e mestras licenciados pela vida e vivências, doutores e doutoras pesquisadoras que buscam explicar sobre as identidades e culturas que nos permeiam.

Segue imagens de alguns livros e vivências que pude viver nesse novo ciclo que é meu período de faculdade:

**(Figura 2)**



Legenda: A figura 2 é uma das primeiras literaturas usadas em minhas reflexões sobre a temática da educação étnico-racial.

(Figura 3)



Legenda: A figura 3 mostra alguns dos materiais que guiam meus estudos e ideias de aplicação de atividades na sala de aula durante a experiência do Pibid.

## PIBID E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Como mencionei anteriormente, no final do ano de 2022 fui aprovada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e tive meu primeiro contato com a sala de aula. Fui estagiar em uma escola municipal de São Carlos, chamada Dalila Galli, em uma turma do segundo ano do ensino fundamental I. Senti aquele misto de emoção e medo. Eu e uma colega recebemos instruções e preparação da coordenadora do PIBID de Alfabetização para prepararmos uma atividade para nos apresentarmos, conhecer as crianças e fazer uma ambientação.

No final de 2023, enviei um trabalho para o Encontro Nacional das Licenciaturas, o ENALIC, vinculado ao Seminário Nacional do Programa Residência Pedagógica. O trabalho foi aprovado e apresentei um relato de experiência chamado "*A Literatura Infantil, o desenvolvimento do Letramento e a busca pela Diversidade Cultural no Ensino Público*", no qual descrevi o processo pedagógico de trabalho com as literaturas, a emergência do trabalho da educação das relações étnico-raciais indicando como essas questões atravessam as crianças e suas infâncias em seus processos de formação de suas identidades. Em paralelo ao

uso da literatura, eu e minha colega de estágio, desenvolvemos algumas atividades que buscavam o ensino considerando a corporeidade e a coletividade.

A possibilidade de aplicar na sala de aula estudos e reflexões sobre a educação das relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileira e indígena, bem como a busca por atividades com viés de conhecimentos afrocentrados obteve resultados significativos. Foi perceptível identificar elementos de reflexão crítica a partir da realidade e das demandas da sala de aula com a qual trabalhávamos, com debates fecundos sobre a construção de uma autoestima e de uma educação que considerasse a corporeidade, a oralidade, o compartilhamento e a coletividade, a partir de uma dimensão cultural africana e afro-brasileira (Reis, 2016. p. 23).

Para realização deste trabalho obtive uma rede de suporte, como os textos e a participação dos grupos de estudo do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar, o NEAB, em conjunto com professoras e professores de disciplinas da graduação, formação sobre literaturas infantis e educação antirracista. Destaco os cursos ministrados pela Doutoranda Ayodele Floriano, que faz um trabalho de formação continuada sobre as Literaturas Infantis e a Educação das Relações Étnico Raciais e luta antirracista junto ao NEAB-UFSCar.

Como resultado do trabalho do Pibid de Alfabetização, está sendo organizado um E-Book para a divulgação das experiências das Pibidianas com as temáticas trabalhadas, minha contribuição com o e-book se faz presente na escrita em parceria com a doutoranda Ayodele Floreano e a Prof. Dra. Maria Iolanda, de um capítulo chamado *“Educação das Relações Étnico-Raciais no ensino fundamental: relato de experiência de uma sequência didática com literatura infantil no Pibid”*.

Somado a isso, desde o início de 2023 faço parte do Coletivo Areias, que é um coletivo de capoeira que desenvolve um trabalho na UFSCar e com frequência organiza e oferece oficinas de capoeira em escolas públicas da rede de São Carlos.

A Capoeira é uma criação intelectual da diáspora negra, uma prática emancipatória que através das músicas e instrumentos educa e conta uma história, cada movimento e o jeito de usar seu corpo, dialogar seu corpo com o corpo do seu Camará é uma ação que se opõe à colonialidade. Na realização dessa prática, me senti em um processo de pensar e repensar diversas questões e a minha própria cosmovisão e interpretação do mundo. Afirmo com certeza que a Capoeira foi um pilar para a tentativa de uma atuação decolonial, menos reprodutora da colonialidade dentro da sala de aula.

Como elucida Carine (2023) a Decolonialidade é uma categoria teórico-política voltada para a contraposição à colonialidade, caracterizada, entre outros por um processo social e histórico de inferiorização dos povos “colonizados”, de sua cultura, formas políticas e maneiras de produzir e disseminar conhecimento frente aos povos autointitulados “colonizadores”.

Outro conceito importante de ser apresentado para o entendimento das consequências históricas da colonização e a oposição e resistência que a prática de capoeira proporciona até hoje, é a compreensão da diferença entre o conceito de colonialismo e colonialidade, para Aníbal Quijano (1992), colonialismo diz respeito a uma "relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes”, já a colonialidade se refere a dominação colonial que perpassa a relação território/ Estado - nação e se estende a uma contínua estrutura de poder, dominação e subjugação, envolvendo as questões raciais, de gênero, classe, sexualidade, infância e a cosmopercepção que é o modo de ser, estar, criar e interpretar o mundo de um povo.

Muito desse processo de reflexão e prática somente foi possível, a partir da expansão de sair de debates apenas em sala de aula, exclusivamente com colegas do curso de Pedagogia e conversar com outras pessoas dentro e fora da universidade que estudam e atuam na educação. Essa sinergia com a comunidade interna e externa, compartilhamento e a ocupação de outros espaços e experiências tem sido essencial, assim como a pesquisa, para uma prática de ensino que traga a integralidade na formação da criança como sujeito e cidadã. Dessa forma, minha atuação como professora em formação se faz buscando aplicar uma prática que vise a alfabetização e o letramento a partir da educação das relações étnico-raciais, a corporeidade, a coletividade, a afetividade e desenvolvimento de senso crítico nos estudantes. Do contato com a capoeira, percebi uma possibilidade. Uma pedagogia negra e decolonial para a aplicação desses conceitos na educação, para além de outras ferramentas.

Conforme dito anteriormente, foi a atividade de autorretrato em que as crianças não haviam se retratado como negras e a roda de conversa que foi realizada em seguida que possibilitaram o diagnóstico em que verificou-se a necessidade de um trabalho focado na valorização da identidade negra. Então, selecionamos, para a sequência didática, livros de literatura infantil que valorizassem, principalmente a estética e a identidade negra em suas narrativas. Junto à leitura dos livros foram realizadas atividades de escrita, atividades artísticas com a escrita de palavras utilizando a argila, bingo de palavras, contação de história, trabalho com poesia, criação de história em quadrinho.

Dessa forma, durante os 18 meses de atuação em sala de aula, oportunizados pelo PIBID de alfabetização, foquei na literatura infantil e na utilização da capoeira como instrumentos para trabalhar ensino das relações étnico raciais, história, cultura e identidade africana e afro-brasileira, alfabetização e letramento.

Selecionei algumas das atividades desenvolvidas nesses 18 meses para poder exemplificar como articulei as necessidades alfabéticas com a lei 10.639/03 e as perspectivas educacionais aprendidas com a prática da capoeira, como a oralidade, corporeidade e coletividade. As anotações e observações aqui utilizadas fazem parte do relatório de estágio que foi enviado para Capes.

## **CICLO DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

*Atividade do dia 22/11/2022 - Apresentação:*

Iniciação do subprojeto do PIBID de alfabetização no 2º Ano do Ensino Fundamental I;

**Plano de aula:** Organização de uma atividade introdutória, onde houveram apresentações das discentes, da professora supervisora e dos alunos da classe;

**Proposta de atividade:** desenvolvimento de um autorretrato desenhado acompanhado de figuras significativas para a vida pessoal das crianças e a escrita dos seus nomes próprios e dos nomes das figuras.

**Objetivos:** Estabelecer um primeiro vínculo com os alunos e com a professora, trabalhar o reconhecimento da autoimagem e identificar dificuldades e potencialidades da turma no aspecto das alfabetização

**Reflexões:** Essa atividade nos proporcionou uma visão ampla da autoimagem que a turma possui sob seus próprios corpos, em geral. Com isso, foi observado uma discrepância entre as representações desenhadas e as características reais dos alunos. Por exemplo, crianças, em sua maioria, com tons de pele escuros e cabelos crespos e cacheados, desenhando-se com cabelos lisos e cor de pele mais clara (lápis cor-de-rosa). Além disso, foi observado que a grande maioria da classe sabia escrever o próprio nome e identificar pela escrita o nome dos objetos escolhidos.

*Atividade do dia 06/12/2022 - Início da intervenção:*

Essa atividade foi uma continuação da Atividade 2, com base nas reflexões da Atividade 1;

**Plano de aula:** Aplicação da atividade baseada na leitura do livro "Princesas Negras" de Arlene Celestino e Edileuza Peña;

**Proposta de atividade:** A partir da leitura do livro, houve o destaque de palavras encontradas no livro, a abertura de uma roda de conversa para entender o conhecimento prévio das crianças sobre seus significados e a realização de um ditado para estimular o raciocínio silábico e de codificação. Também foram feitos desenhos temáticos sobre o livro.

**Objetivos:** Transmitir a ideia de cor de pele, ressignificar a beleza e sabedoria, a partir do conceito de identidade negra trabalhado no livro;

**Reflexões:** Foi possível notar um engajamento por parte das crianças, além de uma curiosidade partindo da apresentação das palavras do livro; Como por exemplo a palavra "Melanina", pois a partir do debate sobre os significados das novas palavras aprendidas, conseguimos conversar sobre os equívocos e preconceitos que permeiam a sociedade. Outro exemplo, foi a discussão sobre o termo "lápiz cor de pele", onde as crianças chegaram à conclusão que os tons de pele são diversos (por conta da melanina) e por isso há várias cores que podem ser usadas para representar esses diversos tons;

*Atividade do dia 14/02/2023- Bingo de palavras.*

Atividade de bingo, desenvolvida relacionar as pautas de diversidade linguística da Língua Portuguesa ao projeto de alfabetização Literatura : "O Tupi que você fala" de Cláudio Fragata.

**Proposta de atividade:** A partir da leitura do livro "O Tupi que você fala", houve um importante momento de reflexão com as crianças, sobre a origem das palavras da língua portuguesa. A partir desse tema, a pibidiana T. apresentou uma breve explicação histórica sobre a pluralidade cultural e linguística do Brasil antes e após a colonização. Após isso, houve a aplicação do jogo, onde foram destacadas as palavras em tupi-guarani encontradas no livro. Também foram acrescentadas palavras de origem africana ao jogo, as quais foram colocadas nas cartelas de bingo entregues para os alunos. Foram impressas imagens das palavras das cartelas e o sorteio do bingo acontecia a partir das imagens.

**Objetivos:** Através da dinâmica do bingo proporcionar o desenvolvimento da associação de imagens e fonemas à leitura e escrita das palavras. Também ampliar a noção histórica sobre vocabulário brasileiro e apresentar as palavras tupi contidas no cotidiano.

**Reflexões:** As crianças compreenderam a linha histórica e se surpreenderam com as novas informações, pois não tinham noção da diversidade linguística da Língua Portuguesa. Foi

possível, também, perceber a excitação dos alunos ao realizarem a dinâmica de jogo e, consequentemente, uma interação mais interessada com a prática de leitura.

*Atividade do dia 31 de outubro de 2023 - Trabalho com o gênero textual Contos:*

A fim de promover a sequência de atividades, alinhou-se com a professora as próximas atividades com as demandas do material didático. Foi decidido trabalhar os contos, em especial contos africanos, buscando ampliar o repertório e trazer histórias diferentes das que comumente encontramos nos livros didáticos. Os contos selecionados foram os disponíveis na biblioteca da escola, selecionamos alguns livros como “Contos africanos para crianças brasileiras” - Rogério Andrade Barbosa; “Bichos da África - lendas e fábulas (1,2,3)” - Rogério Andrade Barbosa; “Pigmeu os defensores da floresta”- Rogério Andrade Barbosa. Entre outros livros, mas esses citados foram os selecionados pelas crianças.

Os alunos se organizaram em grupos para uma leitura coletiva do conto escolhido, durante essa leitura foi possível trabalhar questões com a organização do grupo, a ideia e as possibilidades dessa dinâmica coletiva, a leitura em voz alto, o entendimento de sua própria leitura e da leitura do colega, o debate sobre o que foi lido e a criatividade de montar uma apresentação do conto.

*Atividade 07 de novembro de 2023 - Continuação das atividades com os Contos:*

A proposta era para os grupos apresentarem uma contação das histórias e não uma leitura em voz alta. Após a atividade, durante a conversa sobre o que acharam da atividade, foi registrada falas de como contar uma história é “mais difícil do que só ler”, que para contar a história tem que ter mais entendimento da mesma, porém também foi dito que é um exercício legal e divertido porque puderam usar outros elementos além do livro, como seus corpos e movimentos, expressões artísticas e expressões musicais. Para apresentarem suas histórias, os grupos utilizaram de cartazes com desenhos, confeccionaram máscaras com cartolina colorida e outros elementos, como penas de pássaro mencionadas em uma das histórias. Além disso, complementam suas contações com instrumentos musicais que foram disponibilizados, como o pandeiro, o reco-reco e o caxixi. Mesmo sem familiaridade com os instrumentos, utilizaram de maneira muito interessante, fiquei particularmente impressionada com as habilidades e as descobertas, pois além de tocarem com sentido e coerência, por exemplo, utilizarem batidas para fazer um som de suspense, ou uso para passos e chuva, algumas alunas contavam a história enquanto faziam o som no ritmo. Apesar de relatarem nervosismo em falar “na frente da sala toda” todos se saíram muito bem, apresentaram com

coerência as histórias, utilizaram bem o espaço, os elementos, os instrumentos, a criatividade e os seus corpos.

Observou-se que dentro dessa atividade o estudante foi o protagonista no seu processo e aprendizado, incorporando o texto e atuando sobre ele, foi possível o trabalho de interpretação e leitura conjunto com dinâmicas corporais e instrumentais.

Para encerrar a aula, fiz uma contação de história do livro “Madiba - O menino Africano” - do autor Rogério Andrade Barbosa. O livro conta a história de Nelson Mandela, nesse livro percebemos semelhanças culturais com o Brasil, como uma luta de bastões que se assemelha ao Maculelê para nós, além disso, o livro trás questões políticas atuais, como a luta racial e política enfrentada contra o Apartheid e a figura histórica do intelectual negro e pacífico Nelson Mandela, assim trazendo refrências e questionamentos sobre a história do livro e nossa própria realidade.

#### *Atividade do dia 05 de dezembro de 2023 - Roda de encerramento:*

Finalização das atividades do PIBID. Nesse dia, para nos despedirmos, sentamos em roda e conversamos sobre nosso ano com o PIBID, quais atividades lembraram, quais mais gostaram, o que aprenderam e por fim cada um fez um autorretrato seu, assim como na primeira atividade com a turma a um ano atrás. Foi um momento muito emocionante e surpreendente, os relatos e auto retratos foram muito sensíveis, felizes e pudemos observar a valorização dos alunos em relação ao seus cabelos e tons de pele e estilo próprio de desenho.

Em 2024 fui designada para uma nova turma, porém restavam poucos meses para o fim do Pibid, nosso breve encontro foi marcado por uma atividade de capoeira. Foi um dia de cantoria, levei alguns instrumentos de capoeira, como o pandeiro, o caxixi e o reco reco e propus para a gente cantar um pouco. Expliquei sobre os instrumentos, como o Agogô que significa Sino, na língua Iorubá e cantamos músicas como Marinheiro só e A maré tá cheia Ioio.

Assim, durante minha atuação prática, reflexões acadêmicas e análise dos resultados das aula e intervenções aplicadas, foi observado que a capoeira pode ser um instrumento metodológico para o EREER e a partir dela é possível fazer um trabalho integrado de alfabetização e letramento, o ensino da cultura e história dos povos africanos e afrobrasileiros e para a educação das relações étnico raciais. Trazendo sabedoria e alegria a capoeira contagiou toda a turma do terceiro ano D.

Dentro da minha prática busco trazer uma pedagogia, uma didática que promova reflexão, que promova conscientização, que leve em consideração todos os saberes, que leve

em consideração o corpo e o movimento do sujeito que aprende. Uma pedagogia que sai dos moldes tradicionais, hierarquizados, que seja consciente e reflexiva, que ensina enquanto aprende e que seja também de aprender enquanto brinca e brincar enquanto aprende, porque é direito da criança aprender e é o dever do professor saber em qual universo se está ensinando e ensinar a partir da realidade de seu aluno.

(Figura 5)



A figura 5 registra alguns dos materiais utilizados durante a aula sobre contos africanos, como o pandeiro, o reco-reco, o caxixi e 3 literaturas já mencionadas acima.

## CAPOEIRA, EDUCAÇÃO e EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Apesar de brasileira, desde meu nascimento, foi só em 2023 - dois meses após estar inserida no PIBID - que tive meu primeiro contato de perto com a capoeira. Foi surpreendente descobrir que a prática de capoeira, mesmo sendo reconhecida como patrimônio cultural brasileiro, desde 2008 pelo Iphan e desde de 2014 a Roda de Capoeira reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, não obtive nenhum conhecimento sobre tal patrimônio em minha educação básica.

Buscando discorrer sobre essa arte brasileira, a Capoeira tem sua origem a partir da experiência diaspórica de africanos em solo brasileiro, uma forma de resistência cultural e

formadora de uma identidade desde o período da colonização e início da formação do Brasil (Batalha, 2018. p. 11). Assim, essa forma de resistência africana em solo brasileiro está atravessada pela necessidade das pessoas negras lutarem e resistirem as inúmeras opressões desumanizadoras da ideologia racista presente na colonização. Foi somente em 1888, em um cenário de grande pressão interna, feita por meio de revoltas, de fugas, criação de quilombos, sistematização de ataques às fazendas (Azevedo, 2016) e pressão internacional, que ocorreu a abolição formal da escravidão com a assinatura da Lei Áurea. A problemática do racismo continuou presente na República, ainda estava em voga e presente nas instituições e nos projetos de nação a ideia que havia uma suposta inferioridade dos negros, de forma que todo conhecimento ou expressão cultural negra era marginalizado e perseguido. Assim, a capoeira foi criminalizada ao ser caracterizada enquanto vadiagem no código penal em 1890 (Oliveira e Teixeira, 2016).

Somente em 1930 foi extinguida a proibição dessa prática e em 1937 o governo Vargas formaliza o ensino da capoeira e concede a Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba (1899- 1974), o alvará do Centro de Cultura Física Regional onde o Mestre aplicava o ensino da Capoeira Regional. (Oliveira e Teixeira, 2016.) Mais tarde em 1941, Vicente Ferreira Pastinha, conhecido como Mestre Pastinha, funda o Centro Esportivo de Capoeira Angola, visando preservar a tradição africana, imbuída de ritualidade, ludicidade, teatralidade e musicalidade (Oliveira e Teixeira, 2016).

A partir dos conhecimentos trazidos pelos autores no capítulo intitulado “Capoeira” do livro Metodologias de trabalho em educação das relações étnico-raciais, entendemos a capoeira como manifestação da cultura africana e afro-brasileira que se encontra enraizada na memória desse povo desde sua origem - mesmo modificando-se no contato com outras culturas- e continua sendo identificada como a luta pela emancipação e liberdade dos negros africanos e seus descendentes no Brasil. (Oliveira e Teixeira, 2016).

Em uma perspectiva histórica e legal, Batalha (2023) esclarece que no ano de 2003, as ações afirmativas deram um grande passo na política de relações raciais ao ser instituída a lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do Ensino e da História e Cultura Afro-Brasileira Africana nas escolas. Este documento, para além de suas especificidades educacionais, abre um rol de reivindicações mais abrangentes de direitos culturais, sociais e políticos da população afro-brasileira (IPHAN, 2014; Silvério, 2018). Nas diretrizes deste documento, a capoeira é sugerida como ferramenta para as ações afirmativas na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio (BRASIL, 2003; Batalha, 2023).

Após o fim do Pibid em 2024 dei continuidade aos meus estudos em EREER e Capoeira e desenvolvi um projeto de Vivências de Capoeira na Educação Infantil. Alinhada com a referência teórica, o livro *Encontro com bebês e crianças: experiências de infância na UAC*, me baseei em um capítulo que aborda capoeira e educação infantil, o qual trazia uma proposta pedagógica com Capoeira para o ensino de EREER na Educação Infantil. Neste capítulo “Entra na roda e ginga-ginga: a Capoeira na Educação Infantil como uma pedagogia descolonizadora”, escrito por Gilmar Araujo de Oliveira e Thais Fernanda Leite de Madeira, os autores explicam que inserir a prática de Capoeira na Educação Infantil nos permite problematizar os conhecimentos e conteúdos afro-brasileiros nos espaços de educação, corroborando para a construção de pedagogias descolonizadoras.

Dessa forma, permitindo a inserção dessa cultura no meio educativo formal, se faz possível a sociabilização, informação e diálogo com os saberes ancestrais da população negra, e assim, a valorização e respeito aos saberes ancestrais e afro-brasileiros (Oliveira; Madeira, 2021).

Com essa bagagem teórica, a prática pedagógica aplicada buscou vivenciar na educação infantil da Unidade de Atendimento a Criança da UFSCar, atualmente denominada Colégio de Aplicação da UFSCar, o trabalho pedagógico com a capoeira, viabilizando o ensino a partir da mesma com os valores civilizatórios afro-brasileiros que possibilitam aporte para infâncias plurais e descolonizadas por meio da oralidade, da circularidade, corporeidade, musicalidade, cooperatividade, ludicidade e sociabilidade (Oliveira; Madeira, 2021).

**Plano de ensino:**

<b>Tema</b>	Capoeira e Crianças
<b>Campo de experiência (BNCC)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O eu, o outro e o nós</li> <li>• Corpo, gestos e movimentos</li> </ul>
<b>Objetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introduzir a capoeira como proposta pedagógica como ensino cultural afro-brasileiro, na educação infantil.</li> <li>- Desenvolver a educação integral das crianças através da Capoeira e seus</li> </ul>

	valores civilizatórios, como a oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade.
<b>Conteúdo</b>	Apresentação dos instrumentos, suas origens e seus ritmos. Apresentação e prática do movimento base, o gingar. Prática de movimentos de defesa e ataque: cocorinha, AU, benção.
<b>Duração</b>	Aulas de 50 minutos
<b>Recurso didático</b>	Instrumentos típicos da bateria da capoeira Angola: Berimbau, Cabaça Berra-Boi e Viola, reco-reco, pandeiros de couro e de plástico, agogô de ferro e de castanha, caxixi, tambores pertencentes a UAC. Mapas dos continentes, do Brasil e do continente Africano para as crianças visualizarem os territórios que são mencionados nas cantigas de capoeira, como Bahia, Angola, Guiné, Moçambique. Caixa de som.
<b>Metodologia</b>	Foram realizadas atividades de 50 minutos com alguns grupos, sendo eles: grupo 1, grupo 2, grupo 3, grupo 4 e grupo 5; da tarde. Dentre as atividades, foram desenvolvidas atividades de musicalização, movimentação corporal, prática de capoeira (vivência de rodas).

<p><b>Referência</b></p>	<p>OLIVEIRA, Gilmar Araujo de; MADEIRA, Thais Fernanda Leite. Entra na roda e ginga-ginga: a Capoeira na Educação Infantil como uma pedagogia descolonizadora. São Carlos: Pedro &amp; João Editores, 2021. p 61 - 71.</p> <p>BATALHA, Ettore S. Berimbau me confirmou: a capoeira na agenda transnacional da Diáspora Africana. Anais (recurso eletrônico)/ 5º Seminário Internacional América Latina e Caribe; Edna Maria Ramos de Castro, Eunápio Carmo (Orgs.). - Belém: NAEA, 2024.</p>

**(Figura 6)**



Na Figura 6 se observa os instrumentos típicos da bateria da capoeira Angola, Berimbau, Cabaça Berra-Boi e Viola, reco-reco, pandeiros de couro e de plástico, agogô de ferro e de castanha, caxixi, tambores pertencentes a UAC e mapas dos continentes, do Brasil e do continente Africano para as crianças visualizarem os territórios que são mencionados nas cantigas de capoeira, como Bahia, Angola, Guiné, Moçambique, entre outros.

**(Figura 7)**



Na Figura 7 observamos a parte da movimentação sendo aplicada. Nesse momento estava explicando o movimento nomeado de AU, o qual as mãos vão ao chão e o quadril sobe no movimento de um pulo. Anteriormente foi explicado o movimento de Ginga, que é o “andar” do capoeirista, nomeado como uma homenagem à Rainha Nzinga, importante figura histórica, Rainha Africana que foi uma personagem de resistência à escravização. Além disso, também foi passado o movimento de Cocorinha e Meia Lua de Frente.

**(Figura 8)**



Na Figura 8 vemos a formação de uma roda para serem tocados os instrumentos e as próprias crianças experimentarem os diferentes instrumentos.

Como estudante de pedagogia, já na reta final da graduação e praticante de capoeira, essa oportunidade de conduzir vivências de capoeira na UAC foi de extrema riqueza para minha formação integral como pessoa, pedagoga e capoeirista. Observar a sabedoria, os conhecimentos e a capoeira existente também dentro das crianças, sendo meu o trabalho de proporcionar um espaço seguro e adequado para essas virtudes se manifestarem.

Mesmo com preparo e estudo, na hora da prática fui surpreendida por eles. Fiquei surpresa com a atenção e fascínio dos bebês do grupo 1 com o som do berimbau e o tempo de atenção deles com a atividade.

No grupo 2, há uma aluna que sente a capoeira desde quando estava na barriga, em números, têm mais anos de capoeira que eu, e ela sabe o nome de cada um dos instrumentos. Nessa turma não passei movimentação de golpes, não expliquei seus nomes ou finalidades, mas expliquei sobre a ginga e gingamos. Ao formarmos uma roda para demonstrar um jogo de capoeira com um colega, expliquei que aquela brincadeira era um jogo, onde sempre cumprimentamos nosso amigo/ camará ao iniciar e ao finalizar a brincadeira. As crianças se empolgaram e também quiseram entrar na roda e jogar. A princípio fiquei em alerta, com medo de não compreenderem ou se machucarem e nesse momento fui novamente surpreendida, dois a dois foram entrando, se cumprimentavam, gingavam a sua maneira e faziam movimentos com o corpo, algo que mais tarde podemos chamar de rabo de arraia, rolê, au, movimento de saída e entrada. A capoeira estava ali, se manifestando através daqueles corpinhos, crianças de 2 anos conversando essa linguagem ancestral.

No grupo 3, as crianças estavam bem engajadas com a musicalização, algumas crianças curiosas perguntavam e também respondiam minhas perguntas. Nessa experiência eu estava acompanhada de três colegas do Coletivo de Capoeira Areias que fizeram a bateria, foi nítido como a música influencia na dinâmica, no engajamento, na organização e no ânimo das crianças, faz toda a diferença quando as pessoas estão tocando. Ao final da vivência um garotinho falou com muita determinação e empolgação: “tia, a hora que minha mãe chegar vou pedir pra ela me colocar em uma aula de capoeira”. Meu coração sorriu!

Foi muito enriquecedor vivenciar a capoeira com crianças de 0 a 5 anos, foi notório como independente da idade, essa Arte Negra brasileira tem o potencial de cativar e conquistar através de seus toques, canções e movimento. Durante o tempo das vivências pude ir introduzindo e explicando sobre a história e cultura afro-brasileira, falando sobre o povo negro e sua luta como referências positivas. Entendo o ensino de capoeira como

proposta pedagógica para o ensino de cultura afro-brasileira, na Educação Infantil e tenho buscado, em minhas práticas desenvolver a educação integral das crianças através da Capoeira e seus elementos constituintes como a oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade e identidade.

## **CAPOEIRA E LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Não se restringindo apenas à educação infantil e à educação básica, trabalhei os conhecimentos da Capoeira e o próprio ritual da Roda de Capoeira no ensino de jovens e adultos, e também, a literatura negra e com personagens negros para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.

Foram dois momentos oportunos que ocorreram no final do ano de 2024. O primeiro momento foi durante a apresentação de um trabalho na disciplina de Metodologia de ensino na Educação de Jovens e Adultos e o segundo momento foi durante minha atuação, através de uma bolsa do projeto de extensão da Proex, como professora de Africanidades no cursinho pré-vestibular da UFSCar, que ocorreu de setembro a dezembro de 2024.

Ao cursar a disciplina de metodologia de ensino na Educação de jovens e adultos, nos foi solicitado ao final da disciplina apresentarmos um seminário a partir da temática que cada grupo foi designada. Meu grupo deveria organizar a produção de um planejamento didático de uma sequência didática interdisciplinar a partir do tema gerador pertinente à EJA, “História de vida: da esfera individual ao coletivo no presente e em diferentes temporalidades”.

Ao refletir sobre a temática, e para minha alegria, percebi que o tema se encaixava perfeitamente dentro dos ensinamentos aos quais tive acesso através da capoeira, logo pensei sobre a questão das histórias de vida e os ensinamentos que atravessaram gerações pela oralidade presente na arte, através das músicas (Ladainhas, Quadras, Corridos) <sup>10</sup> e na figura do Mestre ou Mestra de Capoeira.

A figura do Mestre de Capoeira é peça fundamental para a preservação desta arte, tão antiga e presente nos espaços de ensino criados por africanos e descendentes como forma de resistência e educação. Através dos conhecimentos de africanos em solo brasileiro e seus

---

<sup>10</sup> A ladainha é um ritmo lento e sofrido, semelhante a uma oração. O cantador conta uma história em versos, que tem o objetivo de orientar os jogadores e transmitir conhecimentos. As quadras são conjuntos de quatro estrofes, seguidas sempre do mesmo refrão, só se verifica a sua utilização na conhecida Capoeira Regional. O corrido é uma cantiga da capoeira que tem um ritmo acelerado e é caracterizado pela junção do verso do cantador com o refrão repetido pelo coro. Elas transmitem a memória oral e histórica da capoeira, sendo passadas de geração em geração.

métodos de ensino-aprendizagem vindos de África, como a oralidade e tradição de respeito aos mais antigos, observamos que - mesmo na situação torturante e desumanizada que foram colocados pelos colonizadores- os povos africanos que foram escravizados desenvolveram estratégias de preservação de seus saberes e fundamentos, que hoje marcam profundamente as manifestações culturais brasileiras. Olhando especificamente para a capoeira e estudos sobre a figura do Mestre de Capoeira, observamos a importância da figura do mais velho com maestria para a preservação dos valores da arte:

As formas tradicionais de ensinar-aprender utilizadas nesse universo, sobretudo a partir das influências marcantes da cultura afro-brasileira, que caracterizam decisivamente as manifestações da cultura popular, para refletirmos sobre os modelos de aprendizagem, baseados na transmissão oral da memória coletiva de um grupo social, função exercida pelos mais velhos que são os responsáveis por disponibilizar os saberes e as tradições daquele grupo social aos mais jovens. Através do reconhecimento sobre sua sabedoria e sua função social de guardiões das tradições, a comunidade atribui a eles o título de mestres. (Abib, 2006)

Sendo o Mestre de Capoeira um guardião dessa arte, reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade, este traz consigo uma *história de vida*, que existe desde a esfera individual no presente à esfera coletiva, ultrapassando a temporalidade, guiando, ensinando e marcando gerações, ou seja, mais uma vez a Capoeira e seus fundamentos se encaixaram perfeitamente na proposta educacional de referência em qualidade de ensino, agora de Jovens e Adultos (EJA), e me senti na obrigação de compartilhar com minhas professoras e colegas essa ferramenta ou instrumento de ensino, na perspectiva do EJA.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil tem suas raízes na luta por inclusão e igualdade de oportunidades educacionais, surgindo como uma resposta às necessidades de uma população historicamente marginalizada. Desde a década de 1930, com a criação de programas voltados para a alfabetização de adultos, até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, a EJA tem buscado garantir o direito à educação para aqueles que não puderam concluir seus estudos na idade apropriada. Este percurso histórico reflete a importância da educação como um instrumento de transformação social e de promoção da cidadania.

Neste contexto, a formação profissional para professores da EJA - proposta apresentada pela disciplina cursada- se torna essencial para a construção de práticas pedagógicas que respeitem e valorizem a diversidade cultural dos alunos. O objetivo da formação é capacitar os educadores a utilizarem a história de vida dos estudantes, através de

ferramentas como a capoeira, roda de conversa e da ladainha, das quadras e dos corridos, como funções pedagógica que não apenas promove a atividade física, mas também resgatam a história e a cultura afro-brasileira. E a capoeira, enquanto expressão cultural rica e multifacetada, oferece um espaço de aprendizado que integra música, movimento e história, contribuindo para a formação de uma identidade crítica e consciente entre os alunos da EJA. Para além da parte teórica, já com a introdução, contextualização, justificativa e objetivos apresentados para a professora, fomos para a prática.

A apresentação deste trabalho foi profunda em significado, pois tivemos a oportunidade de aprender com um convidado muito especial, um Mestre de Capoeira de verdade, uma história viva.

Meu querido convidado, por quem tenho profundo respeito e admiração, foi o Mestre Izael,<sup>11</sup> o Mestre de Capoeira mais antigo de São Carlos, nascido e crescido na cidade, contextualizado com a passagem do tempo e as mudanças vividas por esse local e pela comunidade, esse que segue e ensina a Capoeira Regional de Mestre Bimba,<sup>12</sup> aplicando os fundamentos, as metodologias e a disciplina que Mestre Bimba deixou.

Iniciei o trabalho contextualizando historicamente a capoeira e sua possibilidade de ensino para o cumprimento da Lei 10.639/03, seguimos com uma roda de conversa onde o Mestre falou de sua trajetória educacional, trajetória na capoeira e compartilhou algumas de suas vivências como Mestre de Cultura popular, inclusive, citando uma passagem em sua trajetória que esteve ao lado de Nita Freire<sup>13</sup>, quando a mesma esteve na UFSCar São Carlos, palestrando sobre os ensinamentos de Paulo Freire e a Cultura Popular. Para finalizar o momento de aprendizado com Mestre, encerramos com uma roda de capoeira, trabalhando a musicalidade que na segunda parte da aula foi explicada com mais detalhes e trouxemos referências de atividades possíveis com a aplicação das mesmas.

---

<sup>11</sup> Para conhecer mais sobre o trabalho do Mestre de Capoeira Regional Izael Teixeira indico dois documentários disponíveis no youtube chamado “**Mestre Izael**” e “**40 anos de Pena de Ouro: História e Memórias**”, além disso, indico também o trabalho de OLIVEIRA, G. A. de; GONÇALVES JUNIOR, L.; LEMOS, F. R. M. chamado **Processos educativos desvelados na roda de capoeira da Associação Pena de Ouro**. MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana. As referências completas se encontram na seção de referências.

<sup>12</sup> Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba, cujo trabalho contribuiu para tirar a Capoeira do código penal, desenvolvendo uma sequência metodológica para o ensino da capoeira e levando a arte para a academia como uma luta, a Luta Regional Baiana (Capoeira Regional), cativando o presidente Getúlio Vargas que a retira do código penal.

<sup>13</sup> Ana Maria Araújo Freire (Nita) é mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). casou-se, em 1988, com Paulo Freire. Desde 1997, como sucessora legal da obra de Paulo Freire, vem organizando e fazendo publicar seus livros inéditos e traduzindo a sua obra escrita, a partir de 1988, para o espanhol e diversas línguas da Europa e do Oriente.

Obtivemos como conclusão que, ao integrar aspectos da capoeira no contexto educacional, busca-se valorizar uma rica representatividade cultural, social e histórica, tornando significativo o ato de trazer elementos do cotidiano para dentro da sala de aula. E a capoeira, como manifestação cultural de herança afro-brasileira, oferece aos alunos(as) da EJA uma reconexão com suas raízes, promovendo um senso de identidade e pertencimento que fortalece a autoestima e o orgulho cultural, que por muitas vezes foram abalados ao longo de suas vidas. Além disso, a capoeira pode contribuir para o bem-estar físico e emocional, servindo como uma ferramenta eficaz para a promoção de valores importantes, como respeito, disciplina e autoconfiança. Aliás, a capoeira permite que os alunos(as) da EJA expressem suas emoções e histórias de vida de forma significativa e de uma maneira mais criativa, que foge do tradicional no qual estão acostumados, promovendo a valorização de cada indivíduo.

Para finalizar a atividade com as colegas, perguntamos suas percepções e entendimentos sobre a temática e dentre os feedbacks, ouvimos relatos sobre ser a primeira experiência com a vivência da capoeira e/ou de conhecer um Mestre de Capoeira, tornando evidente a necessidade das Universidades Públicas e Educação de Nível Superior de preencher as lacunas existentes sobre a formação de educadores em relação aos conhecimentos culturais e patrimônios brasileiro.

**(Figura 9)**



Na figura 9 vemos o Mestre de Capoeira Izael Teixeira, com mais de 50 anos de prática de Capoeira, tocando o instrumento berimbau na sala de aula teórica do at 8 da UFSCar, na data do dia 27 de agosto de 2024.

Em sua frente, na mesa estão instrumentos musicais como agogô, reco-reco, pandeiro, caxixi e os seguintes livros: *Fragmentos de Diásporas Africanas no Brasil, Sociedade, Escavidão, Cultura e Religiosidades*, organização: Maria Aparecida de Oliveira Lopes e Geraldo Silva Filho; *Encontro com bebês e crianças: experiências de infância na UAC*, organização de: Clau Fragelli, Danitza Dianderas da Silva, Gabriella Pizzolante da Silva, Thais Fernanda Leite Madeira; *Metodologias de trabalho em educação das relações étnico-raciais*, organização: Ana Cristina Juvenal da Cruz, Monique Priscila de Abreu Reis, Edlaine Fernanda Aragon de Souza; *Menino quem foi seu Mestre?* e *Capoeira Arte Mágica*, ambos livros de autoria do Mestre Deputado; e por fim, o livro *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*, do Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

O segundo momento do ensino de jovens e adultos com ensino e reflexão sobre as relações étnico raciais, foi durante minha experiência como professora da disciplina de africanidades no cursinho pré-vestibular UFSCar. Nessa experiência, com o auxílio do coordenador da frente de africanidades e o colega com quem dividia as aulas, destaco duas aulas marcantes e relacionadas à temática.

A aula de Feminismo Negro que utilizei de literaturas como: *Teoria Feminista da Margem ao Centro*, de bell hooks; *Interseccionalidade* de Patricia Hill Collins e Sirma Bilbe; *Uma História feita por mão Negras* de Beatriz Nascimento; *Lugar de Negro* de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg; *Coleção BLACK POWER* com biografias de personalidades negras que marcaram sua época, como: Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Harriet Tubman, Angela Davis, Alice Walker e Michelle Obama, também da editora Mostarda a coleção *Meninas sonhadoras, Mulheres Cientistas - matemática e ciências da natureza e linguagens e ciências humanas*, que trás biografias de mulheres que marcaram sua época e influenciaram as futuras gerações. Para a aula sobre literatura negra, que entre outras referências como Machado de Assis, levei de destaque Carolina Maria de Jesus que conheci a partir de um livro de literatura infantil da coleção Black Power da editora Mostarda, a partir dessa literatura busquei pesquisar sobre a escritora e encontrei na biblioteca da UFSCar (BCO) o próprio livro *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*, inclusive autografado por Carolina Maria de Jesus. Separei alguns recortes do livro e levei para sala de aula para os alunos, além de ouvirem sobre Carolina, poder lê-la.

Foram aulas muito proveitosas, de interação dos alunos com os livros e as imagens desses personagens históricos e de finalmente conhecer essas figuras tão importantes em esferas políticas, educacionais e literárias, que são (ainda) historicamente deixados de fora do

currículo escolar. Como resultados tivemos retornos muito positivos dos alunos, que ao se depararem com o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2024, "Desafios para a valorização da herança africana no Brasil", se sentiram com repertório para articular seus conhecimentos. E para o fechamento da disciplina, com parceria do Coletivo de Capoeira Areias, fizemos uma Roda de Capoeira para celebrar a existência e resistência de cada um ali presente e da existência da disciplina de Africanidades. Como professora, fiquei feliz de gingar com meus alunos, de vê-los cantando, dançando, se empolgando e celebrando essa etapa tão importante na vida de cada um, que é a preparação para a entrada no Ensino Superior.

(Figura 10)



A figura 10, é um registro do material literário levado para aula de feminismo negro, contendo literaturas que apresentam as personalidades históricas de mulheres negras e seus estudos teóricos, além de livros que costumo utilizar em minhas aulas, para apresentar também o estudo da lei 10.639/03 e Educação das Relações Étnico-Raciais.

## **EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E A REPRESENTAÇÃO DISCENTE**

No final do ano de 2024, surgiu uma demanda política no curso de pedagogia, a necessidade da eleição de representantes discentes para participarem do conselho do curso de pedagogia. Me inscrevi para o cargo e fui aceita, com isso me aproximei dos debates presentes, demandas dos alunos, dos professores, a mediação e a tomada de decisões da coordenação.

Durante essas reuniões, a pauta da educação das relações étnico raciais se fez presente, em um primeiro momento levei como denúncia/ notificação de situações criminosas racistas que aconteceram no AT 8, local onde os estudantes de pedagogia, entre outros cursos, têm aulas. No final de novembro, foram escritas falas racistas nos banheiros femininos desse AT e acredito que era de extrema importância a coordenação saber que seus alunos negros recebem insultos e ameaças, principalmente porque o tempo todo são debatidos assuntos referentes à saúde mental e ao desempenho desses mesmos alunos.

Além desse momento de denúncia e alinhamento com a realidade dos alunos, de maneira mais ampla, há o debate sobre a reformulação do currículo do curso de pedagogia -UFSCar. Como estudante de pedagogia no fim da graduação e representante discente, fiquei animada com a possibilidade que vem a surgir em relação às chamadas “trilhas acadêmicas”. Dentre outras propostas de mudanças, as trilhas acadêmicas seriam conjuntos de disciplinas com determinada temática em comum que serviriam como um tipo de “especialização” dentro da graduação, por exemplo, a trilha acadêmica de educação das relações étnico-raciais, contaria com possibilidades de disciplinas (obrigatórias, optativas e eletivas) direcionadas à esse assunto, recebendo orientação sobre as possibilidades de disciplinas e no final uma certificação.

Ao relacionar e refletir sobre esse fato e esse avanço na formação e especialização dos futuros docentes, me preocupo com algumas lacunas já citadas neste memorial, como os estudantes de pedagogia estão sendo preparados sobre educação e cultura afro-brasileira? Como a capoeira que é patrimônio imaterial brasileiro e uma possível ferramenta para educação das relações étnico raciais aparecerá para esses estudantes? Assim como afirma Oliveira e Madeira, em seus estudos e aplicações práticas dentro da Unidade de Atendimento à Criança (UAC- UFSCar) inserir a prática de Capoeira na Educação Infantil nos permite problematizar os conhecimentos e conteúdos afro-brasileiros nos espaços de educação, corroborando para a construção de pedagogias descolonizadoras. Dessa forma, permitindo a

inserção dessa cultura no meio educativo formal, se faz possível a sociabilização, informação e diálogo com os saberes ancestrais da população negra, e assim, a valorização e respeito aos saberes ancestrais e afro-brasileiros. (Oliveira; Madeira, 2021).

Dessa forma, como o curso de pedagogia - UFSCar pretende preparar seus profissionais de educação para atuar dentro da linha proposta de educação das relações étnico raciais? O novo currículo pode potencializar a formação para EREER a partir de ferramentas metodológicas da própria cultura negra, como o conhecimento histórico e metodológico dessa arte, luta, dança, movimento cultural, prática de resistência africana no Brasil da colonização, chamada de capoeira.

## **CONSIDERAÇÕES PESSOAIS**

A escrita deste memorial acadêmico fez jus as afirmações que coloquei em minha introdução, sem saber o quanto seria profundamente atravessada ao relatar essas experiências, que - em minha leiguice- já haviam passado e por tanto não seria surpreendente lembrá-las. Mas, ao contrário do que eu imaginava, essa escrita, assim como muitas das experiências relatadas, me deslocou.

Senti, neste memorial, que a minha *busca* é viva e constante, ainda é sobre identidade, ainda é sobre educação e ainda é sobre humanidade, agora, em um texto acadêmico. A trajetória da escrita foi fiel ao percurso vivido, permeada de descobertas e dores, de aprendizados, de parcerias e reviravoltas.

A grande reviravolta foi que comecei o texto sorrindo, escrevi mais de 20 páginas em prantos e terminei ele satisfeita com minha coragem de escolher articular e teorizar minha prática e a temática complexa e urgente de educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. E grata às minhas companhias dessa jornada. Senti na realidade, do chão da sala de aula, a necessidade urgente de aplicar uma educação antirracista e contra-colonial, pois a colonialidade do ser, do poder e do saber, persiste em nossa sociedade e se prolifera pela educação, atravessando gerações e perpetuando violências, como apagamento histórico e cultural de pessoas e povos e uma educação punitiva.

Por tanto, neste memorial acadêmico, olhei para trás para resgatar o que fiz, o que me guiou e me fez chegar até aqui. Conjuntamente com a perspectiva da EREER e a disciplina que cursei, o NEAB e as pessoas integrantes desses estudos, o que deu “liga”, o que deu vida, que ampliou meu senso crítico e me fez se aproximar dessa linha de pesquisa já existente na

universidade, foi a Capoeira, essa manifestação cultural que ginga e movimenta, que faz desafiar o que foi imposto para seu corpo, suas relações, e desafiou minha relação com a educação, o que me levou a trilhar esse caminho. Os desafios são inúmeros, mas gingando também há inúmeras possibilidades.

Concluo que, a construção desse memorial foi de suma importância para o entendimento do conceito de Nego Bispo - apresentado à mim pelo meu querido amigo Siri, que diariamente sinto saudades de sua presença neste plano físico - de “começo, meio e começo”, revivi o começo e o meio de minha trajetória, sendo este trabalho de conclusão não o fim dessa trajetória acadêmica que articula subjetividade, educação e capoeira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considero que minha prática pedagógica buscou vivenciar na educação em diferentes contextos e faixa etária o trabalho pedagógico com a capoeira, viabilizando o ensino a partir da mesma com os valores civilizatórios afro-brasileiros que possibilitam aporte para infâncias plurais e descolonizadas por meio da oralidade, da circularidade, corporeidade, musicalidade, cooperatividade, ludicidade e sociabilidade (Oliveira; Madeira, 2021).

Assim, durante minha atuação prática, reflexões acadêmicas e análise dos resultados das aulas e intervenções aplicadas, foi observado que a capoeira pode ser um instrumento metodológico para o EREER e a partir dela é possível fazer um trabalho integrado de alfabetização e letramento, o ensino da cultura e história dos povos africanos e afrobrasileiros e para a educação das relações étnico raciais em diferentes níveis educacionais, sendo necessária sua presença no ensino superior para dar aporte teórico para os futuros docentes, buscando a melhoria da qualidade de ensino nas demais esferas da educação.

Como vimos no texto, a prática de Capoeira na Educação nos permite problematizar os conhecimentos e conteúdos afro-brasileiros nos espaços de educação, assim, permitindo a inserção dessa cultura no meio educativo formal, se faz possível a sociabilização, informação e diálogo com os saberes ancestrais da população negra, e a valorização e respeito aos saberes ancestrais e afro-brasileiros (Oliveira; Madeira, 2021).

Portanto, a partir dos estudos e entendimento da Lei 10.639/03 assegurando o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, somado aos argumentos dos especialistas e intelectuais citados durante o memorial, utilizei o ensino de capoeira como proposta pedagógica para o ensino de cultura afro-brasileira, na Educação Infantil e de Jovens e Adultos, buscando em minhas práticas desenvolver a educação integral do ser humano, de

maneira conexas e pertinentes a sua realidade e cultura, através da Capoeira e seus elementos constituintes como a oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade e identidade.

E para encerrar esse breve memorial, na figura 12, lhes apresento com uma imagem essa que vos escreve, Júlia Queiroz Gentil. A imagem foi tirada na data do dia 21 de novembro de 2024, em uma vivência de capoeira que realizei em um projeto de recreação a convite da professora recreadora responsável por uma turma de educação infantil.

“A mochila vai nas costas  
e o Berimbau na minha mão,  
vou andando pelo mundo  
vou trocar informação,  
peço licença aos deuses de angola, oi ai ai  
e a dona do salão  
pra vadiar no seu terreiro, colega veia  
com amor no coração, camaradinha  
Iê viva meu Deus, camará  
Iê viva meu Mestre, camará  
Iê viva a todas as Mestras, camará...  
Iê volta do mundo, camará...”

Mochila- álbum Mestra Di Canta suas Histórias.

(Figura 12)



## REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. *Cadernos CEDES*, v. 26, n. 68, p. 86–98, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000100007>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL PENA DE OURO. *40 Anos de Pena de Ouro: História e Memórias*. Youtube, 29 jul. 2021. Duração: 52 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SMbJhIY9H1E>. Acesso em: 10 fev. 2025.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: O Negro no Imaginário das Elites - Século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BATALHA, Ettore Schimid. Berimbau me confirmou: a capoeira na agenda transnacional da Diáspora Africana. In: *5º Seminário Internacional América Latina e Caribe*. Anais [...]. Belém: NAEA, 2024.

\_\_\_\_\_. *A tradução da Mandinga: processo de reinterpretação da capoeira durante a Ditadura Militar em São Paulo*. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

BISPO, Antônio. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília, DF: INCTI/UNB, 2015.

BOLOGNESI, Luiz. *Guerras do Brasil Documentário*. São Paulo: Netflix, 2018. 26 min.

CARINE, Bárbara. *Como ser um educador antirracista*. 5. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

KUMON. *O que é o método Kumon*. Disponível em: <https://www.kumon.com.br/metodo-kumon/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MAGMAFILMES. *Mestre Izael*. Youtube, 21 jul. 2011. Duração: 25 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w2yL-CPZP0c>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MESTRA DI. *Mochila Vadeia de Dia*. Álbum *Mestra Di Canta suas Histórias*, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1djdqtqfn1e1HlrOhvllItyi>. Acesso em: 09 fev. 2025.

OLIVEIRA, Fabiana de. Crianças negras, pandemia e desigualdades. *Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, Goiânia, v. 33, n. 4, p. 986–999, 2024. DOI: 10.18224/frag.v33i4.13802. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/13802>. Acesso em: 12 jan. 2025.

OLIVEIRA, Gilmar Araujo de; MADEIRA, Thais Fernanda Leite. Entra na roda e ginga-ginga: a Capoeira na Educação Infantil como uma pedagogia descolonizadora. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 61-71.

OLIVEIRA, Gilmar Araujo de; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio Ricardo Mizuno. Processos educativos desvelados na roda de capoeira da Associação Pena de Ouro. *MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana*, São Carlos, v. 2, n. 3, p. 177–189, 2018. DOI: 10.29181/2594-6463-2018-v2-n3-p177-189. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2018-v2-n3-p177-189>. Acesso em: 9 fev. 2025.

OLIVEIRA, Gilmar Araujo de; TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos. Capoeira. In: *Metodologias de trabalho em educação das relações étnico-raciais*. Org.: Ana Cristina Juvenal da Cruz; Monique Priscila de Abreu Reis; Edlaine Fernanda Aragon de Souza. Assis: Triunfal Gráfica & Editora, 2016. p. 7-22.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, H. (Org.). *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992. p. 437-449.

REIS, Monique Priscila de Abreu. O ensino da arte na perspectiva da educação das relações étnico-raciais. In: *Metodologias de trabalho em educação das relações étnico-raciais*. Org.:

Ana Cristina Juvenal da Cruz; Monique Priscila de Abreu Reis; Edlaine Fernanda Aragon de Souza. Assis: Triunfal Gráfica & Editora, 2016. p. 23-43.

ROCHA, Mariana Machado. *Uma luta científico-social desproporcional: colonialidade e branquitude na fundação da USP e ensino superior na Imprensa Negra Paulista (1924 – 1937)*. São Paulo, 2023. p. 304.

SANTOS, Sales Augusto. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37.